

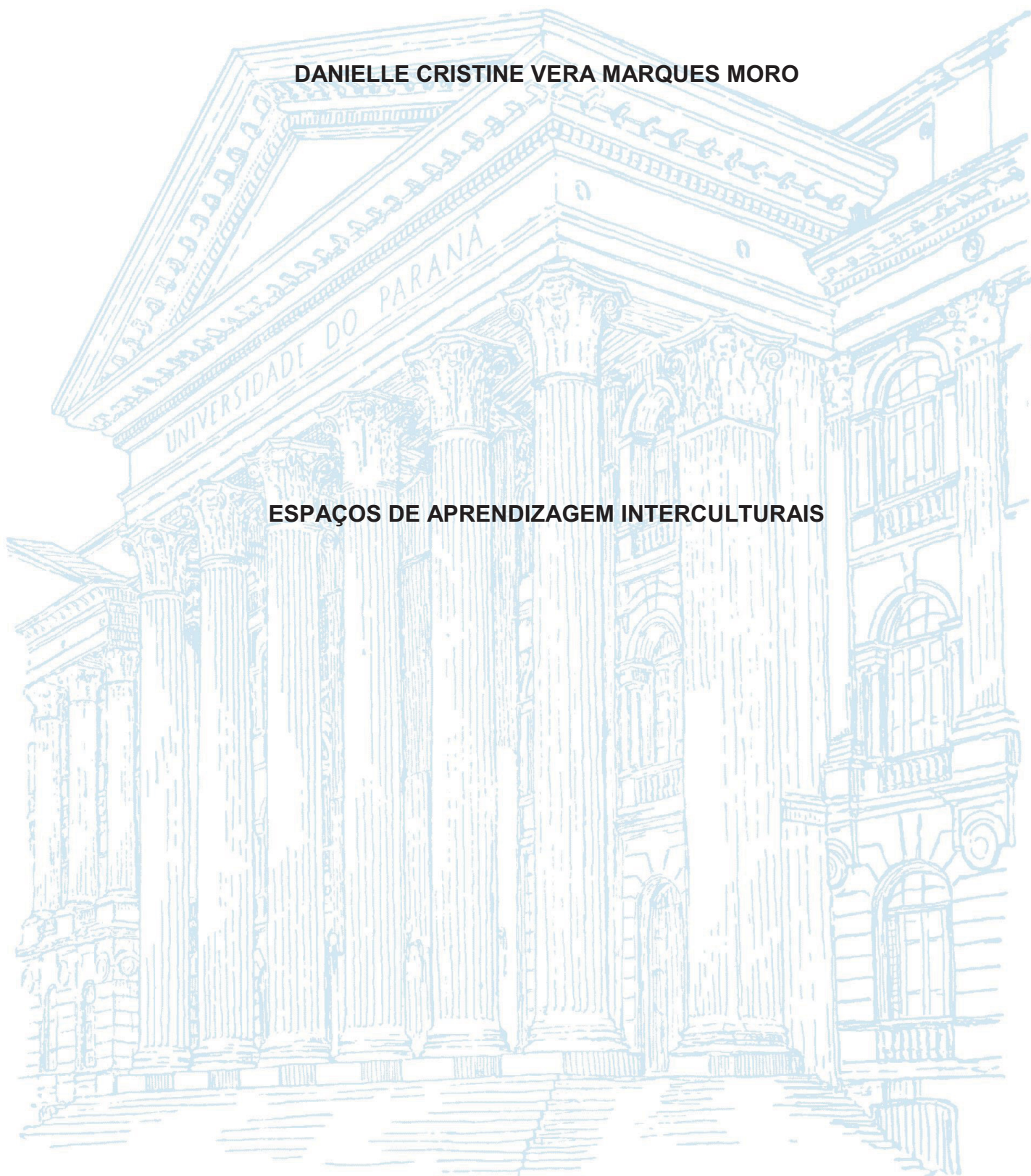
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELLE CRISTINE VERA MARQUES MORO

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INTERCULTURAIS

MATINHOS

2018



DANIELLE CRISTINE VERA MARQUES MORO

ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INTERCULTURAIS

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, do Setor Litoral, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elsi do Rocio Cardoso Alano.

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora Dra. Elsi do Rocio Cardoso Alano, realizaram em 28 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante Danielle Cristine Vera Marques Moro, sob o título “ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM INTERCULTURAIS”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dra. Elsi do Rocio Cardoso Alano
Professora Orientadora

Dr. Valentim da Silva
Professor Integrante

Dra. Francéli Brizolla
Professora Integrante

Danielle Cristine Vera Marques Moro
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

Dedico este Memorial a minha família que motivam minha caminhada na busca por conhecimentos e a prática dos mesmos, bem como a todos os amigos aneanos que deixaram marcas maravilhosas em minha existência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço com imenso carinho o professor Landir e aos Guaranis da cidade de Araçari, aos Interactianos, APAE, professores e aos amigos aneanos que compartilharam comigo essa experiência.

“... tudo na terra tem um propósito, cada doença uma erva para curar, cada pessoa uma missão a cumprir. Esta é a concepção dos índios sobre a existência...”

Christine Quintasket – índia Salish

RESUMO

Importante refletir com criticidade sobre a situação a qual estamos inseridos quanto a EDUCAÇÃO, pois independente da origem, idade, etnia, religião, cultura, gênero e política todos estamos envolvidos no aprender. E, atualmente, fazemos parte de espaços restritos e formais onde a informação é direcionada e muitas vezes sem importância para alguns. É preciso respeito à diversidade cultural que se manifesta na atual sociedade onde se faz necessário integrar aprendizagem e cultura de forma que todos os envolvidos possam construir seu conhecimento vivenciando e transcendendo para novos contextos.

Palavras-chave: Educação. Diversidade. Transcendência. Sociedade.

ABSTRACT

It is important to reflect on the situation that we are inserted regarding EDUCATION, because regardless of origin, age, sex and politics we are all involved in learning and currently we are part of restricted and formal spaces where information is directed and often unimportant for some . It is necessary to respect the cultural diversity that is manifested in society today, where it is necessary to integrate learning and culture so that all involved together can build their knowledge by experiencing and transcending to new contexts.

Key words: Education. Diversity. Transcending. Society.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- GRUPO DO INETERACT GUARATUBA NA VISITA DA ALDEIA ARAÇAI.....	14
FIGURA 02: PASSEIO INTERATIVO COM O GRUPO NA TRILHA DA ALDEIA ARAÇAI ..	15
FIGURA 03: MEDIAÇÃO NA CASA DE REZA DA ALDEIA ARAÇAI	15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
MEMÓRIA DE VIDA	12
RELATO	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	18

INTRODUÇÃO

Considerando a Educação como hegemônica, há uma preocupação quanto à qualidade do aprender e das relações estabelecidas neste contexto, muitas vezes doente, onde a relação professor/aluno se desgasta em virtude do formalismo, do mecanicismo e das cobranças oriundas do mesmo. Essa situação nos remonta ao colonialismo, onde os indivíduos (colonizados) encontravam os saberes na medida em que o sistema oferecesse. Rubem Alves, foi um crítico ao sistema tecnicista que fecharia portas a esperança e adormeceria as consciências como fazia o colonialismo, ele não negava a tecnologia, apenas tinha uma linguagem humanista onde dever-se-ia humanizar a tecnologia e coloca-la a serviço do ser humano comprometido na criação de um futuro melhor.

Segundo Rubem Alves (2014, p.42) a questão não é gerenciar o educador é necessário acordá-lo, e para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária, “[...] O acordar mágico do educador tem, que passar por um ato de regeneração do nosso discurso, o que sem dúvida exige fé e coragem: coragem para dizer em aberto os sonhos que nos fazem tremer”.

Neste período contemporâneo, a sociedade transforma-se e o caos instala-se, proveniente de desajustes, onde educadores não se encontram preparados para redimensionar o olhar frente à necessidade da desformalização do ato de ensinar e, os estudantes querem e buscam um compartilhamento de aprendizagem, onde seus interesses possam ser compreendidos e respeitados. Além disto, muitos destes estudantes são encaminhados para avaliações diagnósticas por apresentarem dificuldades de aprendizagem e muitos destes são filhos de uma despedagogia, de um despreparo pedagógico. Faz-se necessário um olhar diferenciado e acolhedor onde o professor se autoanalise, bem como a sua dinâmica, e só então procure encontrar no acadêmico o problema. Hoje muito mais que ontem os estudantes estão mais autônomos e discutindo seus direitos, estão mais críticos e envolvidos com as lutas da desformalização, ou seja, sair dor formal, do tradicional.

Segundo Lucilene Cury, citou na revista Eca, (2012, p.42), “Edgar Morin, pensador e intelectual, reconhece a falta de uma concepção ampla do sujeito na sociedade, já que a realidade complexa, de diversas alusões à multiplicidade e à transdisciplinaridade, evoca novas formas de ensino e aprendizado”. Morin apud Cury(2012) propõe uma reforma no pensamento e no sistema de ensino, não

apenas na trama pedagógica, mas em relação às experiências vivenciadas como produção do conhecimento. O ensino atual precisa ensinar a viver, muito mais do que servir para transmitir conteúdos. Este ensinar a viver, baseado na condição humana, deve ser interiorizado profundamente no sujeito, orientando-o de forma permanente, capacitando-o a se auto-organizar e a se perceber como parte da teia da vida.

Observando essa proposta de reforma, necessário se faz construir alternativas para uma nova EDUCAÇÃO, uma dessas alternativas seria a promoção de espaços de aprendizagem, com o intuito de gerar mudanças no sistema educativo, na “formação” de professores e gestores permitindo a interação e integração com a comunidade local, com sua própria cultura.

Conforme afirma Candau (2006, p.116),

A educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc.

Neste contexto social, permeado pela desigualdade econômica, étnica, violência, fome e outros, o Brasil situa-se como um país multiculturalista, extremamente diversificado, com uma riqueza cultural ímpar, mas pouco aproveitada, onde o “diferente” tende a ser o errado, o doente, enfim um problema que deveria ser “tratado” e ou “sanado”. Aproveitando o saber cultural explícito em nossa realidade e que envolve respeito à cidadania e democracia, vincula-se a aprendizagem cultural com a diversidade de contextos de vida, pois cada ser humano é único em sua jornada e segundo o pensamento de Paulo Freire estes se constituem nas relações cotidianas, em suas histórias de vida, nas experiências e quando sentem-se pertencidos a escola percebem-se como cidadãos de direitos.

MEMÓRIA DE VIDA

Nasci em 21 de maio de 1975 em Curitiba/PR e fui residir com minha família (pais) na Lapa/PR. Sou a primogênita de 6 filhos. No ano de 1979 fui junto com minha família residir em Bom Jesus, no estado do Piauí, - por motivos profissionais de meu genitor. No ano de 1981 nos mudamos novamente para outra localidade (Rio Grande do Norte), pelo mesmo motivo e assim sucessivamente, para Bahia e Santa Catarina. No ano de 1989 fui residir com minha avó materna na cidade de Curitiba/PR onde em 1991 conquistei uma vaga na faculdade Católica do Paraná, no curso de Psicologia, iniciando assim minha vida acadêmica e profissional.

No ano de 1999, ao casar-me, instalei-me na cidade de Guaratuba/PR onde resido até os dias atuais. Nesta cidade construí minha identidade profissional, iniciei uma sociedade e inserindo no mercado uma Escola de Educação Infantil, a qual cresceu e hoje é um colégio com ensino médio. Permaneci como sócia até o ano de 2005, continuei neste contexto como psicóloga Escolar até 2011. A partir de 2011, até o momento, meu campo de atuação é em consultório, clínica e faculdade.

No decorrer destes anos, desde a formatura (1997), fiz vários cursos, pós-graduações, capacitações e participei de congressos, *workshops* e outros; dentre estes fiz pós-graduação em Psicopedagogia; Neuropsicologia; Aprendizagem Mediada; Psicologia do Trânsito; capacitação em Ludoterapia, Trânsito e Autismo. No momento estou finalizando a pós-graduação em Alternativas para uma Nova Educação (UFPR), iniciando um curso de formação em Terapia do Esquema e iniciando uma pós-graduação online em Autismo.

Atualmente estou com 43 anos, casada e tenho 03 filhos, trabalho em consultório, faculdade e clínica de avaliação (Clínica Avaliar), conveniada ao Detran/PR. Na profissão de Psicóloga, tenho uma larga experiência com adultos e crianças, principalmente, com dificuldades de aprendizagem e transtornos mentais. Também atuo como professora em cursos específicos de formação de professores na área de Educação e coordeno o núcleo de Atendimento aos Estudantes e demais funcionários da Faculdade do Litoral do Paraná, ISEPE.

RELATO

O Projeto que deu início ao memorial em questão “Espaços de Aprendizagem Intercultural” aconteceu em virtude do meu ingresso na Pós-Graduação Alternativas para uma Nova Educação (ANE), neste contexto, o meu aprendizado foi desconstruir a minha própria formação e transformar em algo novo e prático. Minha construção advém de uma educação hegemônica, formal e carregada de “ditados” e “deveres”, com a vivência dentro do contexto ANE e participando de vários projetos de colegas estou conseguindo desformalizar, e, como prática elaborei um projeto que envolveu um grupo de jovens heterogêneos, com idade entre 12 a 18 anos, que fazem parte de um programa de Rotary, que se chama Interact. Este programa tem como objetivo formar líderes, mediadores de conflito pela paz mundial e descobrirem a força do lema “Dar de si antes de pensar em si”. Os jovens em questão são residentes no município de Guaratuba/PR, advindos de contextos acadêmicos e sociais diferentes. Aproveitando a maneira como os mesmos tendem a viver suas experiências intensamente e estão receptivos a mudanças, interessados na diversidade, no pluralismo e ainda em sentirem-se úteis, foram envolvidos neste projeto como participantes ativos.

O projeto em questão aconteceu na aldeia Araçai, localizada em Piraquara/PR, onde os jovens acima citados e acompanhados por mim, rotarianos e outros responsáveis da ANE, conheceram, se envolveram, participaram e interagiram com uma Cultura que *a priori* estava em seus livros de estudo. Os mesmos investigaram, perguntaram e sem resistência respeitaram os donos daquela terra, suas atitudes e seus olhares curiosos, compreenderam uma nova forma de crer e de viver. Sob diferentes olhares, num segundo momento, numa roda de conversa mediados por um participante da ANE e também professor dos Guaranis, desmistificaram a ideia de que os “brancos” são os colonizadores e os índios os “colonizados”, os compreenderam como pessoas, com os mesmos direitos e deveres, apenas dentro de uma cultura diferente e o quanto o diferente é importante pois ensina, explica e desafia. Estes jovens programaram um segundo encontro que se dará na cidade de Guaratuba (Litoral do Paraná), em que estarão promovendo uma integração com os jovens Guaranis envolvendo jogos e música.

Foi uma experiência deveras significativa para todos os envolvidos, pois realmente promoveu-se o diálogo cultural, como afirma Candau (2008, p. 2) a partir

de estudos com Maciel et al.,(2006) a educação intercultural “aparece como uma perspectiva alternativa e contra-hegemônica de construção social, política e educacional, sendo complexa por estar atravessada por desafios e tensões, tornando necessária a problematização das diferentes práticas sociais e educativas”. Nas figuras 01, 02 e 03, estão algumas das imagens da visita à Aldeia Araçaí.

FIGURA 01- GRUPO DO INETERACT GUARATUBA NA VISITA DA ALDEIA ARAÇAÍ



FONTE: A autora (2017).

Estampa-se em cada semblante o contentamento por tão esperada visita a aldeia Araçaí, um momento único, onde o prazer na discreta interação com pessoas de uma cultura antiga fez muito sentido.

FIGURA 02: PASSEIO INTERATIVO COM O GRUPO NA TRILHA DA ALDEIA ARAÇAI



FONTE: A autora (2017).

Jovens percorrendo os espaços da aldeia e se apropriando de conhecimentos, interagindo com o meio de forma produtiva.

FIGURA 03: MEDIAÇÃO NA CASA DE REZA DA ALDEIA ARAÇAI.



FONTE: A autora (2017).

A alegria deste momento, desta interação, sem preconceitos e ou verdades absolutas, onde o respeito à diversidade é imperioso e agradável, contagia e motiva as pessoas envolvidas a expandirem cada vez mais essas experiências com o intuito de desenvolverem novas propostas inovadoras e contextualizadas considerando a cultura, as diferenças e as divergências. Importante que a aprendizagem ocorra de forma não hegemônica, que saia dos muros e cercanias para o meio sem limites, sem grades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada à importância da Educação se faz necessário valorizar e ocupar os diversos “Espaços de Aprendizagem”, sair da homogeneidade e desenvolver estratégias pedagógicas e de gestão, que busquem romper as barreiras com os velhos paradigmas assumindo uma postura democrática e a serviço da cidadania. É preciso aproveitar o momento onde estudantes querem ser participes ativos de sua própria aprendizagem, querem e devem construir seus valores pautados por empatia e respeito à diversidade que os cerca. É fundamental a participação de todos neste processo, pois somos um grande coletivo e ainda “nenhum de nós é tão bom como todos nós juntos”(Ray Kroc).

"Ensinar" é descrito por Rubem Alves como um ato de alegria, um ofício que deve ser exercido com paixão e arte. É como a vida de um palhaço que entra no picadeiro todos os dias com a missão renovada de divertir. Ensinar é fazer aquele momento único e especial. *Ridendo dicere severum*: rindo, dizer coisas sérias. Mostrando que esta, na verdade é a forma mais eficaz e verdadeira de transmitir conhecimento. Agindo como um mago e não como um mágico. Não como alguém que ilude e sim como quem acredita e faz crer, que deve fazer acontecer. (ALVES, 2005, p148)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **O melhor de Rubem Alves** / coordenação (org.) Samuel Ramos Lago. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 3ª edição, 2014.

_____. **Entre a ciência e a sapiência**: O dilema da educação. 13. ed. São Paulo: edições Loyola, 2005.

CANDAU, Vera Lucia-. A diferença está no chão da escola. In: COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 4. **E COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES**, 8. 2008. Anais... Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

_____. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____.(Org.). **Educação Intercultural e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

CURY, Lucilene. Revisitando Morin: os novos desafios para educadores. **Revista eca: comunicação E educação**. Ano XVII. Número 1. jan/jun 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança** – um reencontro com a Pedagogia do oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1995.